Parte 2 – Facebook: usos no ensino superior e na formação continuada de professores

Possibilidades e desafios do uso do Facebook na educação: três eixos temáticos

Giselle Martins dos Santos Ferreira
Estrella D’Alva Benaion Bohadan

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

FERREIRA, GMS., and BOHADAN, EDB. Possibilidades e desafios do uso do Facebook na educação: três eixos temáticos. In: PORTO, C., and SANTOS, E., orgs. *Facebook e educação: publicar, curtir, compartilhar* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2014, pp. 255-274. ISBN 978-85-7879-283-1. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

PARTE 2

FACEBOOK

USOS NO ENSINO SUPERIOR E
NA FORMAÇÃO CONTINUADA DE
PROFESSORES

Possibilidades e desafios do uso do Facebook na educação

três eixos temáticos

Giselle Martins dos Santos Ferreira
Estrella D'Alva Benaion Bohadan

Introdução

Vinculado a uma indiscutível expansão¹, o *Facebook* vem progressivamente ganhando destaque como um vasto campo de pesquisas nas Ciências Sociais e Humanas, com interesse crescente em seus usos na Educação (TESS, 2013). Na literatura nessa área, em particular, parece haver uma espécie de ressonância de uma concepção da plataforma como alternativa a Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA) oferecidos e geridos institucionalmente (AYDIN, 2012; RACTHAM, KAEWKITIPONG, 2012), ideia que encontra defensores também na literatura em português (FERREIRA et al, 2012; JULIANI et al, 2012; FUMIAN, RODRIGUES, 2013).

1 O site tem mais de 1.23 bilhões de assinantes, segundo dados fornecidos pela própria empresa, disponíveis em <<http://newsroom.fb.com/company-info/>> (acesso em 15 mar. 2014).

Assim, muitos autores na área da Educação, particularmente no Brasil (por exemplo, COSTA; FERREIRA, 2012; MATTAR, 2013), discorrem sobre os potenciais benefícios e vantagens do uso do *Facebook* com propósitos educacionais. Além de um canal de comunicação, o *Facebook* é considerado um lugar para pesquisar e compartilhar, pois é visto como uma ferramenta popular, relativamente fácil de usar e potencialmente útil para professores e alunos (EBELING; BOHADANA, 2013), permitindo a integração de diversos recursos, fornecendo acesso a diferentes serviços e permitindo o controle de privacidade (PATRÍCIO; GONÇALVES, 2010).

Essa perspectiva, no entanto, oculta algumas questões importantes. No tocante à noção de privacidade e segurança, por exemplo, o *Facebook* é frequentemente criticado pelas mudanças impostas a seus *Termos e Condições de Uso*,² e tais críticas incluem muitas indagações acerca da expansão do marketing que pontua o site, indicando a existência de processos que utilizam dados pessoais do perfil e das comunicações trocadas entre usuários da plataforma para gerar anúncios direcionados. “Privacidade” on-line, em geral, é assunto controverso, e pensar-se que há alguma forma de “privacidade” em sites de redes sociais é, na melhor das hipóteses, uma visão otimista das práticas corporativas que regem o desenvolvimento desses sites.³

De maneira consistente com esse otimismo, estudos empíricos parecem ser relativamente raros na literatura, e, crucialmente, parece haver pouca discussão de potenciais problemas relativos ao uso do site na Educação. Wilson *et al* (2013), por exemplo, problematizam

2 Ver <https://www.facebook.com/legal/terms?locale=pt_PT>.

3 Sauvik e Kramer (2013) reportam uma pesquisa sobre as práticas de auto-censura no *Facebook*. O segundo autor é um pesquisador da empresa e, assim, tem acesso a dados da plataforma que não estão disponíveis a outros pesquisadores; porém, o artigo se refere a dados que os usuários não publicaram no site (isto é, texto apagado e não compartilhado, ou editado), sugerindo a intromissão da empresa para além dos confins dos dados efetivamente submetidos a seus servidores.

a interação on-line entre docentes e estudantes com base em uma revisão de pesquisas empíricas que revelam problemas de natureza ética nessa interação, a qual se dá em espaços onde as vidas profissional e privada podem se misturar com maior facilidade. Ancorado em um exaustivo estudo de literatura, Hew (2011, p. 662) conclui que “o *Facebook* tem, até agora, muito pouca valia em termos educacionais, que estudantes usam a plataforma principalmente para ficar em contato com seus conhecidos e que tendem a compartilhar informações mais pessoais no site, potencialmente atraindo riscos à sua privacidade” (tradução nossa). De fato, permanece a inquietação concisamente articulada por Duffy (2011, p. 292), advinda de uma análise da expansão do uso de sites de redes sociais na Educação Superior (ES): “a expansão [desses sites] não implica, necessariamente, seu uso na Educação” (tradução nossa).

O uso de funcionalidades como *Grupos* e *Eventos* tem destaque na literatura, dadas as possíveis semelhanças com as funcionalidades disponíveis nas salas de aula virtuais dos AVA. Porém, os *Grupos* não oferecem ferramentas que permitam a reordenação das postagens, o que dificulta o uso de técnicas já estabelecidas de moderação on-line (SALMON, 2002; 2003), criadas para sistemas projetados especificamente para servir de suporte à discussão assíncrona. Assim, destaca-se a necessidade de mais estudos empíricos que examinem criticamente as *affordances*⁴ pedagógicas da plataforma (WANG et al, 2012), as práticas que nela vêm sendo desenvolvidas e, por meio de estudos comparados, a potencial relevância de diferenças contextuais e culturais, além das tradicionais categorias baseadas em dados demográficos (idade, gênero e nível de escolaridade, por exemplo).

4 *Affordances* é um termo proposto por J. J. Gibson (1986) em estudos sobre a percepção visual de uma perspectiva alternativa à visão behaviorista corrente na época. Sugere a ideia de “possibilidades de ação” relacionadas a um objeto no ambiente no qual o organismo se situa. Utilizado na literatura em *Design* e Tecnologia Educacional em inglês, não possui tradução direta para o nosso idioma, sendo utilizado no original na área da Computação (Interação Homem-Máquina).

O presente texto examina questões relativas ao uso do *Facebook* na Educação baseado em um estudo da utilização da plataforma em um contexto educacional específico: o apoio complementar on-line a uma disciplina de graduação em um curso presencial. Com base em um extenso corpo de dados coletados junto a um grupo de 50 participantes em uma pesquisa exploratória, o capítulo discute questões pertinentes em três eixos temáticos: concepções de “distância” e “proximidade”; a relação entre tecnologia e pedagogia; percepções de “horizontalização” das relações entre docente e discentes. Sugere que, enquanto o *Facebook* pode oferecer possibilidades bastante interessantes para a Educação, propõe, também, muitos desafios às práticas e concepções correntes.

Contextualização

A discussão apresentada neste capítulo engloba alguns resultados preliminares de uma pesquisa cujo objetivo geral consiste em investigar a mediação docente conduzida por meio de redes sociais. O trabalho, atualmente em fase de análise de dados, é de cunho comparado, incluindo dados coletados junto a dois grupos de participantes no Brasil, um em nível de pós-graduação e outro em nível de graduação, bem como um grupo de participantes na Espanha. O presente texto focaliza os dados obtidos com o grupo brasileiro desenvolvendo estudos de graduação.

Esse grupo de participantes incluiu 50 alunos do curso de graduação em Pedagogia oferecido por uma universidade pública. A integração do *Facebook* foi conduzida em uma disciplina com características eminentemente teóricas e marcada por um patente desinteresse observado em sucessivas turmas ao longo de vários anos de experiência da docente responsável. Esse desinteresse e o tamanho da turma foram fatores que motivaram a proposta do uso da plataforma, que encontrou 100% de adesão dos alunos, todos

já usuários do *Facebook* e com acesso ubíquo à rede.⁵ Além disso, conforme evidenciado pelos dados colhidos em um questionário diagnóstico aplicado inicialmente, trata-se de um grupo bastante fluente no uso das tecnologias da Internet, como mostrado a seguir:

- 97% dos participantes usa a Internet para se manter informado;
- 80% ocupam seu tempo livre utilizando a Internet;
- 91% acessam a rede por meio do computador de casa;
- 93% declaram ter como sites mais utilizados os de redes sociais;
- 63% costumam postar comentários ou participar de fóruns e discussões em sites de redes sociais.

A discussão a seguir focaliza os dados colhidos em 3 grupos focais realizados após o término do semestre, com 15 alunos cada um. As sessões foram registradas em vídeo (com a anuência de todos os participantes) e, posteriormente, transcritas para análise.

Proximidade e distância

O uso do *Facebook*, segundo Mattar (2013, p.115), aproxima docente e discentes, teoricamente porque as trocas de informações pessoais estimulam a comunicação entre os dois grupos de atores e aumentam a “credibilidade” dos professores junto aos alunos. A fala a seguir, típica do posicionamento revelado nas vozes dos participantes, é consistente com a perspectiva de Mattar com relação à noção de “aproximação”:

Extrato 1: O *Facebook* foi uma forma de eu ter contato com a professora, a gente colocava as coisas e ela comentava, então foi uma

5 A participação nas discussões on-line não era obrigatória nem integrava o esquema de avaliação.

forma de obter informações também, saber a opinião dos colegas de turma, então eu acho que auxiliou bastante.

A fala aponta para as possibilidades abertas pelo *Facebook* no sentido de viabilizar uma maior interação com outros alunos e, em particular, com o docente. O contato mais pessoal e focalizado no aluno é sempre limitado no ensino presencial para números significativos de estudantes, em particular, quando a carga horária é relativamente pequena, conforme ilustrado nos extratos a seguir:

Extrato 2: O encontro com o professor é só uma vez por semana e a gente não tem, não tinha, outra forma, eu gostei muito dessa proposta [...] porque auxiliou bastante. E me empolgou muito essa questão da professora comentar as respostas e tal, foi muito legal.

Extrato 3: Foi muito diferente, você foi a professora que a gente teve mais contato. Eu vou sentir muita falta de ter esse contato com a professora.

A grande valorização do contato mais próximo e frequente com o docente parece permear as falas dos alunos, conforme sugere, sucintamente, o extrato seguinte:

Extrato 4: Por meio do *Facebook* ficamos mais próximos da professora. Ela pode conhecer um pouco mais da gente e como passar a disciplina pra gente, conhecendo um pouco mais a personalidade de cada um, o que cada um pode, o que não pode.

Um maior contato com o professor, segundo esse participante, implica um conhecimento mais aprofundado acerca das necessidades e expectativas específicas de cada aluno e, portanto, permite o apoio mais centrado no aluno do que aquele possível presencialmente a um grupo grande em sala de aula. Além disso, a plataforma representa, na percepção dos alunos, não somente a concretização de maior apoio do professor, mas, também, a habilidade de se constituir em um registro, possível de ser consultado em outras ocasiões, do que é compartilhado. O próximo extrato ilustra essas ideias:

Extrato 5: O *Facebook*, ele foi importante porque primeiro a gente conseguiu estabelecer um contato maior não só com o professor mas com a turma toda. Foi uma forma de dinamizar aquilo que a gente tava tendo em sala de aula, foi uma forma de expandir o conhecimento e ter acesso a uma visão mais ampla do que as outras pessoas estavam pensando com relação à mesma temática, porque muitas vezes a pessoa dentro de sala de aula é tímida pra tá falando, mas no *Facebook*, ela ia lá e comentava, e às vezes fazia um comentário extremamente pertinente que seria até mesmo muito útil pro embasamento das nossas futuras respostas dentro da disciplina.

O entusiasmo dos alunos pelo uso da plataforma é patente, e é bastante interessante a noção que a comunicação assíncrona possa potencializar a expressão por parte de indivíduos mais “tímidos”, conforme sustentam, também, os extratos a seguir:

Extrato 6: Eu sou muito tímida também. O *Facebook* me ajudou bastante a demonstrar meu ponto de vista, a debater, a falar. Eu sou bem melhor na escrita do que na fala.

Extrato 7: O *Facebook* ajudou também muita gente que tem essa dificuldade e se expressar ali e a quebrar várias barreiras pra depois conseguir falar em grupo. Muito legal.

Extrato 8: Eu acredito que haja pessoas extremamente envergonhadas, tímidas. Por já estarem ambientalizadas [sic], familiarizadas com o *Facebook*, elas se sentiram na liberdade de se expressar.

A percepção de “proximidade” presente em diferentes formas nas falas dos participantes remete à crítica de Valle e Bohadana (2013), de um ponto de vista filosófico, do maniqueísmo que caracteriza as concepções predominantes das modalidades presencial e a distância. As autoras sugerem que a distância, como índice geográfico, não deve ser o único aspecto a ser levado em conta quando pensamos o processo de formação. Nesse processo deve ser considerada a possibilidade de mudança *qualitativa*: a capacidade do indivíduo tornar-se outro em relação àquilo que um dia foi. Nesse sentido, a distância é, pois, “condição para a educação – e não condição de um certo tipo de educação, uma vez que não há educação sem distância, ou sem um distanciamento sempre a ser conquistado como parte do projeto de ser diferente e pelo respeito à autonomia de outrem” (VALLE; BOHADANA, 2013). O objetivo da distância conquistada é alcançar uma nova proximidade, uma proximidade deliberada. A distância que a educação reivindica jamais seria definitiva, mas um processo contínuo e complexo de aproximações e distanciamentos, tornando presença e distância elementos indissociáveis do processo de formação.

As vozes dos alunos sustentam um entendimento que a participação propiciada pelo uso da plataforma possibilita múltiplos reposicionamentos com relação ao docente, aos colegas, ao conhecimento em questão e, crucialmente, a si próprios. São consistentes com a ideia que “os diferentes modos de presença

que os sujeitos fazem ser determinam as características de sua participação na aventura da existência, determinam para o sujeito seus modos de ser” (VALLE; BOHADANA, 2013, p. 56).

Tecnologia e Pedagogia

A potencialidade da plataforma fomentar maior “credibilidade” do docente na perspectiva dos alunos, sugerida por Mattar (2013), de certa forma se expressa, na percepção dos participantes, em termos de uma renovada perspectiva da própria área do conhecimento focalizada na disciplina. Conforme sugere o Extrato 9,

Extrato 9: [...] se você parar pra perceber, a gente tá usando o conteúdo de uma matéria num instrumento considerado totalmente contemporâneo que é o *Facebook*, olha que ligação bacana, a gente tá trazendo essa questão teórica pro nosso dia a dia, pra nossa prática que é o *Facebook*. Todo mundo tá o dia inteiro conectado ali, você vai tá colocando em prática um conteúdo que, na visão das pessoas, é tão arcaico, antigo, mas olha quanto ele tá ligado ao nosso dia a dia.

Nesse extrato, estão imbricadas as percepções de vários deslocamentos ou reposicionamentos interessantes. Em primeiro lugar, a fala ilustra uma visão do papel do *Facebook* no cotidiano dos alunos: estar ali conectado “o dia inteiro” é “nossa prática”. Essa é, assumidamente, a prática dos alunos e não do professor, implicando que houve um deslocamento do docente de sua posição “tradicional”, à frente do grupo em sala de aula, na direção de um universo ao qual, em princípio, não pertence. Além disso, a fala sugere que o “conteúdo ... arcaico” da disciplina foi, por meio do *Facebook*, reapresentado como algo “ligado ao nosso dia a dia”, constituindo um

segundo reposicionamento, nesse caso, do próprio conhecimento especializado da disciplina. Essa ideias parecem estar corroboradas no extrato seguinte:

Extrato 10: Eu acho que a gente conseguiu simplificar o modo como a linguagem dos textos se apresentavam. Na minha opinião, foi muito difícil assimilar o conteúdo e extrair dali o que era mais importante pro educador. Agora, a partir do *Facebook* a gente conseguiu de uma certa forma contextualizar e extrair o que é fundamental, assim, todas as coisas foram importantes, mas pra mim foi importante porque deu pra puxar pra realidade, não uma coisa solta, a teoria ficou dentro de um contexto, eu acho que foi legal por causa disso.

Claramente não há, na percepção dos alunos, uma compreensão de que a plataforma esteja apenas permitindo uma abordagem pedagógica que, de fato, não se constitui em uma novidade trazida pelo *Facebook* ou por qualquer outro artefato tecnológico. Ainda que seja bastante distinta das possibilidades abertas ao ensino presencial a um grupo tão numeroso, normalmente restritas ao formato de aula expositiva, a abordagem adotada representa o tipo de mudança defendida por Valente (1999, p.31), que afirma que “a mudança pedagógica que todos anseiam é a mudança da educação baseada na transmissão da informação, para a criação de ambientes de aprendizagem nos quais o aluno realiza atividades e constrói o seu conhecimento.”

No entanto, o centramento no aluno, tomando como ponto de partida sua própria experiência, bem como a ideia de um ensino-aprendizagem dialógico, não são, em hipótese alguma, contribuições trazidas pelas tecnologias. Trata-se de concepções já existentes na Educação muito antes da explosão das tecnologias digitais atuais,

mas que os alunos claramente desconhecem. Desse modo, parece estar representada, nos discursos dos alunos, uma visão tecnicista determinista, uma visão associada a um posicionamento ético que equaciona noções ambíguas de “inovação” com algo necessário ou, simplesmente, “bom”, que se reverte em uma necessidade, uma prescrição a ser seguida:

Extrato 11: [...] o professor devia inovar o tempo todo, em vista do que a gente fazia, a forma que a gente se comportava no *Facebook*, na sala, o professor tem que repensar o tempo todo a estratégia pra conseguir alcançar o objetivo.

De forma consistente, as falas dos alunos são pontuadas com termos como “conteúdo”, “passar”, “extrair”, “absorver”, todos sugerindo uma visão dos processos de ensino e aprendizagem como um mero problema de transmissão. A concepção da “educação bancária” criticada por Freire (1974) permeia as falas dos participantes, ainda que esses também articulem, tímida e tentativamente, concepções da educação como um processo de “construção de conhecimentos”.

Por outro lado, a experiência de participação na pesquisa parece ter encorajado, também, uma reavaliação daquela visão determinista:

Extrato 12: Eu acho que deu pra modificar um pouco pra gente a nossa visão (da matéria) porque todo mundo tinha uma impressão de que a disciplina era chata, sem graça e deu pra mostrar que pode entrar na nossa realidade, e também deu pra ver que o *Facebook* tem como ser também algo que a gente possa praticar de outra forma que não seja para fofoquinha, aquelas fotos, as intrigas, mas deu pra usar como outro meio, para estudar.

Ao sugerir que a plataforma pode ser utilizada para propósitos diferentes dos usuais, o aluno sugere a possibilidade de se repensar posições previamente estabelecidas, e, por extensão, de se romper barreiras e abrir novos horizontes:

Extrato 13: (..) a gente rompeu algumas barreiras, a gente saiu daquele mundinho fechado, nosso, tipo a experiência da educação no Rio, a educação que eu tive na cidade aonde eu moro, a escola em que eu estudei, o contato com as pessoas que eu tive, simplesmente isso. A gente rompeu as barreiras, além de ter ampliado horizontes, né?

Extrato 14: [...] a gente pode comparar, pesquisar, não só na turma, mas em relação a outros países, a senhora postou um vídeo americano que era sobre educação, então ampliou o que a universidade, no Rio de Janeiro, Brasil. Isso foi muito bom.

As possibilidades de reavaliação e de transformação por meio da participação on-line não se restringem, segundo os alunos, a seu próprio reposicionamento:

Extrato 15: [...] eu penso que a gente conseguiu de forma ou de outra perceber que o educador pode repensar a forma como ele tá lidando com o conteúdo. Nessa coisa que a gente estudou, de uma mera reprodução do conteúdo e que o educador deve repensar, eu acho que mostrou pra gente é possível não só repensar, mas pensar em ter um *feedback* positivo.

“Repensar”, portanto, se torna uma possibilidade fundamental advinda do diálogo mediado na plataforma, e pode se refletir em uma reavaliação, à luz do que é, no caso, específico da disciplina, da relação entre a “teoria” e a “prática”, concebidas como aquilo que pertence ao universo acadêmico e aquilo que pertence ao cotidiano, respectivamente:

Extrato 16: [...] é interessante, mas a escola tem sido o lugar dos vários divórcios, ela divorcia teoria e prática; com o *Facebook* a gente conseguiu fazer esse casamento de novo, da teoria com a prática do cotidiano. Sem perceber você já está fazendo o tempo todo isso.

Esse último extrato remete à discussão anterior acerca da distância entre os discursos da disciplina e as formas de articulação utilizadas no ambiente on-line, onde foi possível “simplificar” o “conteúdo” e, assim, facilitar a identificação daquilo “que era mais importante pro educador”, conforme o Extrato 9. Dessa forma, subsumida na noção de que o ambiente fomenta um maior centramento no aluno, está a visão tradicional do foco da Educação no professor, o “detentor” ou “representante” do poder, uma vez que esse ainda desempenha, independentemente da abordagem pedagógica que adote, o papel de avaliador. Essa observação leva a uma reflexão sobre questões de cunho político, apresentada dentro do último eixo temático sugerido neste capítulo.

Horizontalização

Os testemunhos dos participantes evidenciam que esses sentem-se mais “à vontade” para se comunicar em um grupo secreto no *Facebook* (que não aparece em buscas e fica acessível apenas a quem nele for incluído pelo administrador) do que na sala de aula. Isso sugere que compartilham uma visão de que a plataforma propicia a

criação colaborativa de um espaço de interação que não é nem um espaço social usual nem, tampouco, o espaço formal de sala de aula:

Extrato 17: O *Facebook* é diferente da sala de aula. Nós conhecemos o *Facebook*, temos o que dizer e podemos ajudar no uso. A sala de aula é muito formal o professor fica distante. A troca é pequena.

As falas dos participantes sugerem um questionamento profundo sobre a hierarquia tradicionalmente estabelecida na Educação. Concebem a plataforma como um novo contexto que propicia trocas mais igualitárias e, ocasionalmente, surpreedentes, conforme sugerido a seguir:

Extrato 18: [...] há todo um dogma da sala de aula, daquela coisa, daquela hierarquia do professor com o aluno e quando era o *Facebook*, uma rede social, uma coisa que na concepção é mais descontraída, todo mundo pôde se expressar, todo mundo se sentiu muito a vontade e aí você vê que muita gente produziu de forma muito boa, tiveram pessoas que assim, na sala de aula não falavam nada, mas quando você ia ler o texto dela você falava “caramba”, chegou a surpreender muita gente.

Esse novo espaço traz a exigência de um novo protocolo, em cuja construção os alunos se sentem participantes:

Extrato 19: Eu acho que o *Facebook*, com essa utilização (acadêmica) toda essa coletivização, foi um diferencial em relação à outra turma. Tanto no rendimento, porque

não só nesta disciplina, a gente pode estudar em grupo, como no nosso grupo que nós temos no *Facebook*, a gente tava sempre discutindo alguma coisa e isso influenciou no nosso rendimento da turma.

Extrato 20: No *Facebook* me sinto mais à vontade para expor minhas opiniões, debater e participar. A sala de aula é mais formal. O *Facebook* usamos toda hora, já estamos acostumados, além disso a professor fica mais perto é mais igual a gente.

A percepção de formalidade expressa nessas falas é consistente com uma concepção da sala de aula como o lugar do poder na educação. Essa visão de que há um lugar geométrico, específico, de onde emana o poder, segundo Foucault (1979), tem predominado no Ocidente. No entanto, como sugere o filósofo (1979, p. 183), o poder é algo que circula, que só “[...] funciona em cadeia”, jamais está localizado, “nunca está nas mãos de alguém, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem”. Para Foucault (DELEUZE, 1988, p. 78), “o poder é uma relação de forças. Ou ainda, toda relação de forças é uma relação de poder”. A força, segundo o autor, não está nunca no singular: sua característica essencial é estar em contato com outras. Nessa perspectiva, o poder, longe de ser aplicável aos indivíduos, circula entre eles, uma vez que o indivíduo não é o outro do poder, mas um dos seus principais efeitos.

Nesse caso, a plataforma seria vista como um lócus onde os indivíduos podem estabelecer, e estabelecem, uma nova relação de poder, pois, as “relações de poder são relações móveis, ou seja, elas podem alterar-se, elas não são dadas de uma vez para sempre” (FOUCAULT, 1977, p. 180).

Comentários finais

Este capítulo examinou questões concernentes ao uso do Facebook na Educação, apresentando um estudo de caso focalizando o uso da plataforma em um contexto educacional específico de apoio complementar a uma disciplina de graduação num curso presencial. Com base no corpo de dados coletados numa pesquisa exploratória com 50 participantes, o capítulo discutiu questões gerais sobre a integração do *Facebook* em situações educacionais, de acordo com três eixos temáticos: concepções de “distância” e “proximidade”; a relação entre tecnologia e pedagogia; percepções de “horizontalização” das relações entre docente e discentes.

A partir da discussão desses eixos e da experiência com o Facebook, fomos levados a pensar que o contato com os alunos por intermédio dessa rede social possibilitou a vivência do necessário jogo entre distância e presença que se estabelece na Educação. A distância física não trouxe nenhum impedimento para que houvesse uma forte presença da docente, o que é sem dúvida revelador dos vários tipos de presença existentes, não importando se estamos numa experiência de distância ou de proximidade física.

Além disso, por ser impossível educar na ausência, já que “um certo tipo de presença do sujeito é sempre requerida, não há como evitar que toda educação se converta em uma forma de educação presencial” (VALLE, L.; BOHADANA, E., 2013, p.50). Devido à complexidade do ser humano, a presença é a coexistência de dimensões ou de manifestações do humano, que fazem a cada vez existir para nós um sujeito. Nesse caso, a Educação exige a criação e recriação dos vários modos de presença – e de ausência – e das condições de distância – e de proximidade – que constituem os sujeitos para si mesmos e para os outros.

Finalmente consideramos que, enquanto o *Facebook*, assim como outras plataformas de redes sociais, oferece possibilidades bastante interessantes para a Educação, propõe também muitos desafios às práticas e concepções correntes, tanto de docentes quanto dos

próprios alunos. Assim, permanece a necessidade de mais pesquisas empíricas que, embasadas em abordagens teóricas apropriadas, possam ir além das visões deterministas da relação entre Tecnologia e Educação.

Referências

AYDIN, S. A review of research on Facebook as an educational environment. **Education Tech. Res. Dev.**, n.60, 2012, p. 1093-1106.

COSTA, A. M. S. N.; FERREIRA, A. L. A. Novas possibilidades metodológicas para o ensino-aprendizagem mediados pelas redes sociais Twitter e Facebook. **REnCiMa**, v.3, n.2, 2012, p.136-147.

DELEUZE, G. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

DUFFY, P. D. Facebook or Faceblock: cautionary tales exploring the rise of social networking in tertiary education. In: LEE, M. J. W.; MCLOUGHLIN, C. (Org.). **Web 2.0-Based E-Learning: Applying Social Informatics for Tertiary Teaching**. IGI Global, 2011, p.284-300.

EBELING, F.; BOHADANA. Facebook no Ensino Superior: Transgressões e transformações. In: ROSADO, A. L. S.; BOHADANA, E. D. B.; FERREIRA, G. M. S. (Org.) **Educação e tecnologia: parcerias 2.0**. Rio de Janeiro: Universidade Estácio de Sá, 2013, p. 264-295. Disponível em: <https://www.academia.edu/6254154/Utilizando_o_Facebook_na_formacao_de_pesquisadores_em_Educacao>. Acesso em: 15 mar. 2014.

FERREIRA, G. M. S. et al. Utilizando o Facebook na formação de pesquisadores em Educação: experiências, percepções e práticas de integração com o ensino presencial. In: ROSADO, A. L. S.; BOHADANA, E. D. B.; FERREIRA, G. M. S. (Org.) **Educação**

e tecnologia: parcerias 2.0. Rio de Janeiro: Universidade Estácio de Sá, 2013, p. 264-295. Disponível em: <https://www.academia.edu/6254154/Utilizando_o_Facebook_na_formacao_de_pesquisadores_em_Educacao>. Acesso em: 15 mar. 2014.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir:** história da violência nas prisões. Rio de Janeiro: Vozes, 1977.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

FUMIAN, A. M.; RODRIGUES, D. C. G. A. O facebook enquanto plataforma de ensino. **Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia**, v.6, n 2, p.173-182. Disponível em: <<http://revistas.utfpr.edu.br/pg/index.php/rbect/article/download/1635/1042>>. Acesso em: 1 nov. 2013.

GIBSON, J. J. **The Ecological Approach to Visual Perception**. Nova Jérsei: Lawrence Earlbaum Associates, Inc., 1986.

HEW, K. F. Students' and teachers' use of Facebook. **Computers in Human Behaviour**, v.21, 2011, p.662-676.

JULIANI, D. et al. Utilização das redes sociais na educação: guia para o uso do Facebook em uma instituição de ensino superior. **RENOTE**, v.10, n.3, 2012. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/renote/article/view/36434/23529>>. Acesso em: 1 nov. 2013.

MATTAR, J. **Web 2.0 e redes sociais na educação**. São Paulo: Artesanato Educacional, 2013.

PATRÍCIO,V; GONÇALVES, B. Utilização Educativa do Facebook no Ensino Superior. In: **I Conference Learning and Teaching in Higher Education**. Évora: Universidade de Évora, 2010. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.ipb.pt/bits-tream/10198/2879/4/7104.pdf>>. Acesso em: 23 dez. 2013

RACTHAM, P.; KAEWKITIPONG, L. The use of Facebook in an introductory MIS course: social constructivist learning environment. **Decision Science Journal of Innovative Education**, v.10, n.2, 2012, p.165-188.

SALMON, G. **E-tivities**: the key to active online learning. Londres: Routledge, 2002.

SALMON, G. **E-moderating**: the key to teaching and learning online. Londres: Routledge, 2003.

SAUVIK, D.; KRAMER; A. Self-censorship on Facebook. In: **Proceedings of the Seventh International AAAI Conference on Weblogs and Social Media**. Cambridge, Massachusetts: AAAI, 2013, p. 120-127. Disponível em: <<http://www.aaai.org/ocs/index.php/ICWSM/ICWSM13/paper/viewFile/6093/6350>>. Acesso em: 15 mar. 2014.

TESS, P.A. The role of social media in higher education classes (real and virtual) – a literature review. **Computers in Human Behaviour**, v.29, 2013, p. 60-68.

VALENTE, J. A. VALENTE, J.A. (Org.). **O computador na sociedade do conhecimento**. Campinas: Nied-Unicamp, 1999. Disponível em: <<http://ged.feevale.br/bibvirtual/Diversos/0000001A.pdf>>. Acesso em: out. 2013.

VALLE, L. ; BOHADANA, E. Sobre presença e distância: reflexões filosóficas sobre a educação virtual. In: MILL, D.; MACIEL, C. (Org.). **Educação a distância**: elementos para pensar o

ensino-aprendizagem contemporâneo. Cuiabá: Universidade Federal do Mato Grosso, 2013, p.37-58.

WANG, Q., HUAY L. W., CHOON, L. Q., YUQIN, Y., MEI, L. Using the Facebook group as a learning management system: an exploratory study. **British Journal of Educational Technology**, v.43, n.3, 2012, p.428-438.

WILSON, R. E., GOSLING, S. D., GRAHAM, L. T. A Review of Facebook Research in the Social Sciences. **Perspectives on Psychological Science**, v.7, n.3, p. 203-220.